

O COMÍCIO DA SÉ E A SOCIEDADE CIVIL

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 31.01.1984

O comício da Praça da Sé, no último dia 25 de janeiro, foi a maior manifestação popular ocorrida nas últimas décadas no Brasil. Além de um extraordinário ato de presença do povo, entretanto, o comício foi uma indicação segura de que a sociedade civil brasileira democratizou-se, ampliou suas bases, e neste momento está quase plenamente identificada com o povo na campanha pelas eleições diretas para Presidente da República.

Entendo por sociedade civil o povo organizado e ponderado segundo o poder das classes, frações de classe e grupos de interesses. Na sociedade civil as classes dominantes são, portanto, mais poderosas do que o povo. E na medida em que forem mais poderosas a própria sociedade civil será menos democrática, mais fechada, e, contraditoriamente, mais fraca, porque mais sujeita ao arbítrio autoritário de organizações militares ou políticas de extrema-direita ou de extrema-esquerda.

No Brasil, nos últimos dez anos, há um contínuo fortalecimento e democratização da sociedade civil, e, portanto, há uma aproximação maior entre a sociedade civil e o povo, na medida em que a redemocratização do país se transformou em uma aspiração nacional. O comício da Praça da Sé foi um momento culminante desse processo.

Embora o governador Franco Montoro tenha decidido sua realização, quando muitos duvidaram do seu êxito, o comício não foi do governador de São Paulo. Como não foi de nenhum partido político, nem das organizações de extrema-esquerda com suas bandeiras fora do lugar. E não foi um comício dos trabalhadores, nem da classe média, nem dos estudantes, nem dos jovens, nem dos velhos, porque foi de todos. Não foi também um comício dos seus organizadores, nem da campanha publicitária que o procedeu, porque, se a causa não houvesse tomado anteriormente as mentes e os corações da grande maioria

da população paulista, jamais teria sido possível reunir na Praça da Sé e arredores tamanha multidão.

A sociedade civil e o povo manifestaram-se, assim, unidos na Praça da Sé. Resta saber quem ainda é contra as eleições diretas. Praticamente só os oportunistas reunidos em torno de dois “presidenciáveis” pelas indiretas: Maluf e Andreazza. Sobre eles nada há a fazer.

Mais importante, entretanto, é saber quem, sendo a favor, ainda não se decidiu colocar-se abertamente na luta pelas eleições diretas. São os conservadores, que têm medo que as eleições diretas permitam a subida ao poder de um líder populista. São uma parcela dos militares, que têm medo que se registre no Brasil o que vem ocorrendo na Argentina. São membros do PDS, como o Sr. Aureliano Chaves, que declaram-se a favor das diretas, mas aceitam disputar as indiretas e não participam da campanha por uma questão de disciplina.

As razões dos conservadores, dos militares temerosos e dos democratas do PDS devem ter ficado abaladas depois do comício da Praça da Sé: um comício tão pacífico e não-radical quanto espetacular. Ulisses Guimarães já percebeu que um objetivo fundamental da campanha pelas diretas é agora convencer esses grupos. Por isso vai procurar falar com Aureliano Chaves. Por isso tem tranquilizado continuamente os militares e os conservadores.

Como analista político tenho o defeito do otimismo, mas depois do comício da Praça da Sé, do qual participei no meio do povo, sinto que as eleições diretas, e, portanto, a democratização deste país, estão muito mais próximas.(31/01)